MONÇÕES
Revista de Relações Internacionais da UFGD
ISSN 2316-8323

NARRATIVA E A CONSTRUÇÃO DA NAÇÃO: UM DIÁLOGO ENTRE HOMI BHABHA, "LENI" RIEFENSTAHL E FRANZ NEUMANN.

NARRATIVE AND NATION: A DIALOGUE BETWEN HOMI BHABHA, "LENI" RIEFENSTAHL AND FRANZ NEUAMNN.

KATIUSCIA GALHERA
Doutoranda em Ciência Política pela UNICAMP
E-mail: kgalhera@yahoo.com.br

RESUMO: O objetivo deste artigo é demonstrar a importância da narração na construção do consenso em torno da ideia de nação nacional-socialista, especificamente pela análise do filme de Leni Riefenstahl "Triunfo da Vontade". Considerando que a cinematografia era controlada pelo Estado totalitário, procuraremos ilustrar os recursos de convencimento narrativos utilizados nesta propaganda nazista. Para tanto, utilizaremos tanto a análise crítica de Franz Neumann sobre a desconstrução da ideia de nação sob Hitler – um dos autores (mais desconhecidos) da Teoria Crítica/ Escola de Frankfurt –, quanto Homi Bhabha – um dos principais expoentes do pós-colonialismo – para fundamentar o papel e a importância da(s) narrativa(s) sobre a formação do Estado nacional.

Palavras-chave: Teoria pós-colonial; nacional-socialismo; Teoria Crítica

ABSTRACT: The purpose of this article is to demonstrate the importance of narration in building consensus around the idea of the National Socialist nation, specifically by the analysis of Leni Riefenstahl's film "Triumph of the Will". Given that the cinematography was controlled by a totalitarian state, we will seek to illustrate the resources of persuasion by narrative used in this Nazi propaganda. For so much, both critical analysis of Franz Neumann on deconstruction of the idea of nation under Hitler - one of the authors (most unknown) of the Critical Theory / Frankfurt School, - as well as Homi Bhabha's analysis - one of the leading exponents of post-colonialism - will be useful author to support the role and importance of account(s) on the construction of the national state perception.

Keywords: Post-Colonialism; National Socialist; Critical Theory

INTRODUÇÃO

"Nação" não pode ser definida em termos absolutos. Língua, geografia, religião, nacionalidade, etnia, costumes, povo e tradição, dentre outras supostas determinantes, não encerram o significado de nação. Esse conceito, ideia, noção ou abstração da imagem coletiva não cabe em conceitos duros, definidores e absolutos.

A nação, conforme a descrevemos neste espaço, é uma *narração.* Uma memória, uma parte da história e, por isso mesmo, incompleta. A nação não representa um povo, palavra inserida dentro do projeto da modernidade que tende a homogeneizar e excluir. Por ser memória, possui lembranças seletivas. Lembranças do grupo hegemônico, do "vencedor", do branco, do colonizador, de uma dinastia, da aristocracia, da classe dominante. Nação como conceito e prática política nasceu de *narrações,* dentro de um projeto hegemônico moderno e frequentemente excludente.

Nesse sentido, a nação pode ser considerada aquilo que Benedict Anderson chamou de *comunidades imaginadas,* que Michael Foucault classificou como *realidade discursiva*, que Ernest Renan denominou de *vontade e esquecimento*. Em seu sentido moderno e gramsciano, a ideia de nação intenta, pela via da narração, criar *consenso* na sociedade. É a narração o que também irá contribuir para a construção da legitimação e da *violência simbólica* a que referia Pierre Bordieu.

São essas as características de nação que pretendemos ressaltar nesse trabalho. Assim sendo, nosso objetivo não é esgotar o que seja nação, mas destacar o papel narrativo na construção desta. Especificamente, versaremos

sobre o papel da narração no filme de "Leni" Riefensthal "Triunfo da vontade" (1935) no contexto do nacional-socialismo.

Este artigo está dividido em três partes, além dessa introdução e das considerações finais. Na primeira parte, buscamos uma aproximação do que é nação em seu sentido contemporâneo pela revisão bibliográfica de alguns dos principais autores que versaram sobre o tema. Nossa intenção nesta seção é demonstrar: (i) que a sua noção democrática, embora apresente inúmeros problemas os quais observamos cotidianamente, é o que melhor se aproxima de algum tipo de representação de pluralidades de interesses; (ii) que o sentido de nação sob o nacional-socialismo estava bastante distante do sentido democrático de nação apresentado. Franz Neumann, em seu livro "Behemoth" servirá de fundo para o desenvolvimento de todo o artigo, mas principalmente da primeira parte.

Considerando estar claro que o nacional-socialismo foi a exacerbação de exclusões em seu sentido *sui generis* de nação no *Volks Group/* povo racial e na soberania racial, tentaremos demonstrar, na segunda parte do artigo, o papel da narração na construção de um tipo de realidade, ou uma memória específica e excludente, no filme de Riefenstahl. Demonstraremos, nesta parte, quão convincente pode ser a defesa do Estado totalitário quando são utilizados mecanismos audiovisuais sob a direção de uma pessoa tão talentosa quanto esta diretora.

Por fim, antes de proceder às considerações finais, na terceira seção traremos alguns argumentos para fomentar e aprofundar o debate, em base às análises providas por Homi Bhabha em "Nation and Narration".

FRANZ NEUMANN, O NACIONAL-SOCIALISMO O SENTIDO MODERNO DE NAÇÃO

Franz Neumann (2005) em seu celebrado livro: "Behemoth: pensamiento y acción en el nacional-socialismo" analisa amplamente as determinantes da ascensão do nazismo em detrimento de um ambiente anterior tão próspero que foi a República de Weimar. Embora pouco conhecida no Brasil, nesta obra Neumann aponta o colapso da antiga República (como as forças sociais, o declínio das associações de classe, e o colapso da democracia, dentre outros), as técnicas do Estado totalitário (como cooptação), a relação entre partido e Estado sob esse regime, a burocracia racional, o papel do líder carismático, o racismo, a teoria do imperialismo racial, o *Grossdeutsche Reich,* a economia monopólica e totalitária de *trusts* e cartéis, e a nova sociedade que emerge desse contexto, dentre outros vários aspectos.

Para fins desse artigo, interessa-nos saber especificamente a análise de Neumann, tomando como base o nacional-socialismo, sobre as categorias nação e nacionalidade e como se construiu, nesse regime, um conceito próximo que possibilitou algum tipo de coesão política. Antes de entrar nessa análise, tentaremos algumas definições de nação de outros autores.

Ernest Renan, em seu artigo-conferência "Qu'est-ce qu'une nation?" (1882) faz uma afirmação provocadora: "a vida nacional deriva de uma *vontade* de *viver* como nação" (apud ALONSO; TITAN JR., 1997, p. 154, grifo nosso). Não existem determinantes raciais, linguísticas e religiosas para o Estado-Nação. Ademais, a nação se baseia grandemente no *esquecimento* da sempre presente brutalidade da formação da unidade, no erro histórico e na geografia/fronteiras naturais.

Com efeito, "nação", conforme veremos com mais profundidade, é um tema amplamente explorado em, por exemplo, romances e novelas (na construção do *esquecimento* de alguns fatos vexatórios em detrimento da *narração* de glórias e belas conquistas) (BAUER, 2000; BHABHA, 1990). A nação

sob as artes certamente foi e continua sendo explorada muito mais do que sociólogos, políticos e cientistas políticos gostariam.

Benedict Anderson prefere argumentar que a nacionalidade ou a condição nacional e o nacionalismo são produtos culturais específicos. Nação é uma comunidade *imaginada,* "porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão ou sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos eles tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles" (2008 [1983], p. 32).

Eric Hobsbawn (2004 [1990], p. 15) em "Nações e Nacionalismos" escreve:

> *As tentativas de se estabelecerem critérios objetivos* sobre a existência de nacionalidade, ou de explicar porque certos grupos se tornaram "nações" e outros não, frequentemente *foram feitas com base em critérios simples* [...] – língua, etnicidade ou qualquer outro – *e são em si mesmos ambíguos, mutáveis, opacos e inúteis* [...]. É claro que isso os tornou excepcionalmente convenientes para os propósitos propagandísticos e programáticos e não para fins descritivos (grifo nosso).

Para Otto Bauer (2000, pp. 45-49), "A questão da nação só pode ser abordada a partir do conceito de caráter nacional", isto é, "o complexo de características físicas e mentais que distinguem uma nação de outra", "uma comunidade cultural". Bauer, desta forma, definiu nação fugindo das armadilhas guiadas pelos determinantes fluidos, intercambiáveis e pouco estáticos.

O "Dicionário de Política" de Norberto Bobbio (*et alli*, 1983), nos esclarece que seu sentido político aparece apenas durante a Revolução Francesa. Após afirmar que o termo aparece primeiramente no romantismo alemão (em narrações literárias) nas obras de Herder e Fichte, há a tentativa de um período aproximado: "Para encontrarmos uma teorização consciente da Nação como fundamento natural do poder político, isto é, da fusão necessária entre Nação e Estado, precisamos chegar até meados do século XIX". A nação seria uma

ideologia do Estado burocrático centralizado; ligaria "ao Estado um conjunto de comportamentos econômicos, políticos, administrativos, jurídicos" que antes da Revolução Industrial eram impensáveis e que, ademais, "foi e permanece o instrumento mais indicado para criar e manter uma lealdade[1] potencialmente total" (Rossolillo, 1983, p. 798).

Franz Neumann (2005, p. 125) concorda com a definição parcial moderna de Rossolillo, que confere à "Nação" um conceito político que implica a ideia de Estado, e afirma que: "o fundamento ideológico que justifica uma autoridade coactiva central [...] serve como mecanismo para unificar a vasta rede de interesses individuais" (tradução livre). Essa é a sociedade política que sob Hobbes, Rousseau e Montesquieu comprovou sua força, primeiramente na Revolução Francesa, e posteriormente ao longo da história, não ausente de problemas que acometem qualquer instituição.

Nação, portanto, embora seja uma categoria política e analítica carregada de problemas práticos e (im)possibilidades definidoras, é imprescindível para as sociedades contemporâneas, assim como a democracia. Essa categoria política, contudo, não foi utilizada nos termos democráticos contemporâneos que acabamos de apresentar. Sob o nacional-socialismo, as categorias políticas e analíticas se calcavam no *Volks Group* (ou povo racial) e na soberania racial.

Conforme nos demonstra Neumann, essas categorias trazem em seu bojo problematizações práticas de consequências frequentemente danosas: "povo" contém traços culturais (como situação geográfica, usos e costumes e elementos culturais). "Raça", por sua vez, é um conceito absolutamente calcado na biologia. O "povo racial", portanto, é uma categoria política que foge do sentido de pluralidades resguardadas e seguras sob um guarda-chuva institucional para

[1] "[...] o sentimento íntimo da personalidade e da afinidade básica do grupo" (idem ibidem, p. 798).

basear suas políticas na biologia, excluindo automaticamente, por exemplo, os negros: "o conceito de nação não enraizou nunca na Alemanha [...] uma teoria biológica racial substituiu a teoria política da nacionalidade" (NEUMANN, 2005, pp. 127-128, tradução livre). Portanto, no lugar de incluir as pluralidades, as políticas de arianização do nacional-socialismo passaram a "defender e justificar 'direitos cívicos desiguais'" (idem ibidem, p. 124).

O povo era fonte do carisma no nacional-socialismo (idem ibidem, p. 122): diferentemente de outras nações, na Alemanha nazista o poder carismático do líder não derivava de Deus ou da tribo, mas da raça ariana. Na Alemanha nacional-socialista o sentido de nação foi projetado e modificado pelo sentido de "povo racial". Ainda de acordo com o autor (idem ibidem, p. 123):

> [...] o termo 'ario' não denota una estrutura óssea ou uma composição sanguínea comum, não sequer outra semelhança física ou biológica, mas meramente uma origem linguística comum. Nem sequer os 'descobrimentos' da antropologia nacional-socialista foram incorporados em grande parte ao corpo da filosofia nacional-socialista, que fala da superioridade nórdica o germânica (tradução livre).

A crescente arianização da sociedade através, por exemplo, da promulgação de leis que expropriavam deliberadamente os judeus de suas casas, de seus comércios, de suas riquezas e, finalmente, de suas próprias vidas, é uma das consequências mais lembradas dessa política nefasta, justamente pelo horror de suas premissas, mas principalmente por suas consequências. Foi uma das facetas da "questão judaica" de que nos lembra Hannah Arendt (1989): a "maldição" dos judeus pela ausência de uma nação que os confortasse e protegesse do antissemitismo exacerbado no nazismo é talvez o exemplo mais triste dessa época.

Dentre outras questões, o nazismo destruirá o princípio da soberania tão caro ao mundo a partir do Tratado de Vestfália de 1648. A ideia de nação foi substituída pela noção de povo racial: um alemão na França não responderia ao

Estado francês, mas ao Reich, por exemplo. A soberania, tal como entendida em Vestfália, se desterritorializa e a expansão territorial depende do *Volks Group*. A soberania racial une dois conceitos a princípio divergentes, mas que ocorrem na prática: soberania (conceito democrático) e racial (conceito totalitário).

Volks Group ensejou à (tentativa de) prática da teoria dos espaços vitais e justificou fortemente o expansionismo alemão sob o nacional-socialismo. De acordo com Friedrich List, em "A economia dos grandes espaços", se não há grandes espaços, não é possível criar grandes economias. Essa teoria vai ao encontro do desejo de expansão das classes econômicas dirigentes do *Volks Group:* a Alemanha, em 1919, era o país mais industrializado do mundo, além de ter características como forte cartelização e presença de *trusts,* características essas que alavancaram o desejo de expansão econômica. Note-se que a teoria dos espaços vitais, em sua natureza imperialista, também ignora a nação e a soberania de outros Estados, que passam a ser vistas como entraves ao expansionismo e à pretensa evolução econômica.

Franz Neumann dedica o seu livro inteiramente a entender como se construiu, para utilizar termos gramscianos, o bloco histórico nacional-socialista sob o comando de Adolf Hitler e da cúpula nazista. Não é nossa intenção retomar esse debate em completude neste espaço, mas entender mais profundamente como se deu a construção do consenso nesse quadro. Especificamente, como se deu a construção de consenso em uma *narrativa* específica. Para isso, na próxima parte nos dedicaremos a analisar o que talvez seja a forma mais sutil de convencimento: a propaganda nazista materializada em uma *masterpiece* da sétima arte.

"LENI" RIEFENSTAHL, O "TRIUNFO DA VONTADE" E A PROPAGANDA NAZISTA

Riefenstahl começou sua carreira como dançarina e, após uma lesão no joelho, passou a interpretar filmes relacionados com a natureza, principalmente em montanhas, nos quais eram destacados o vigor físico e a beleza. Foi em "Luz Azul", filme no qual trabalhou como atriz e diretora, que "Leni" (apelido para Helena) chamou a atenção de Hitler, que a convidou para dirigir "Triunfo da Vontade"[2], lançado em 1935. A diretora também dirigiu outro filme que, assim como "Triunfo", passaria a figurar dentre uma das *masterpieces* de sua vida, do III Reich e da própria história do cinema mundial: "Olympia". Especialistas da área afirmam que Riefenstahl trouxe inovações importantes para a cinematografia nos marcos do expressionismo alemão.

A forma de gravar do que ela chamou de documentário (refutando sua culpabilidade como propagandista nazista) é, em si, interessante: ao passo que muitos documentários possuem narrativas em *off* explicitando didaticamente o que é o "bem" e o "mal" aos receptores, "Triunfo" não apresenta narrativas objetivas, mas discursos próprios do 6º Congresso do III Reich ocorrido em Nuremberg de 5 a 10 de setembro de 1934: embora "Triunfo" não se baseie largamente na mensagem falada, é um deleite para os sentidos. Contudo, não é menos nociva que outras produções. Antes pelo contrário, suas imagens, símbolos, simbologias, narrativas oferecem um prato cheio e deliciosamente recheado do que Pierre Bordieu (1974) denominou violência simbólica,

[2] Doravante "Triunfo".

penetrando no indivíduo de forma agradável, receptiva, intempestiva e talvez por isso mais perniciosa.

Na tentativa de defesa, Riefenstahl argumentou, em "A Deusa Imperfeita" (documentário de Ray Müller), que em sua produção "Não havia mais nada. Havia somente Hitler e o povo" (apud TEIXEIRA, 2010, p. 65). Essa explicação anda de mãos dadas com "Triunfo": ao mesmo tempo em que demonstra uma simples relação de dois atores (Hitler e o povo), subjetivamente e implicitamente abre um amplo campo de possibilidades de manipulação midiática. Existem duas grandes conclusões sobre a defesa que Riefenstahl advoga a seu favor (desconhecer as práticas de extermínio e não ter se filiado ao Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (em alemão *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* – NSDAP), não tenho por consequência nenhuma posição política em relação ao nacional-socialismo: (i) "[...] não passam de uma versão cínica" e (ii) trata-se "de uma tentativa desesperada de se redimir de uma condenação individual por uma culpa que é coletiva, em uma situação social e política [...] ainda hoje difícil de compreender" (idem, ibidem, pp. 62-63),

O julgamento de e sobre "Leni" até os dias atuais, 10 anos após a sua morte, demonstram indiretamente o fôlego de sua obra (bem como os malefícios). "Triunfo" é uma produção que encanta, inclusive os mais esclarecidos em relação ao seu conteúdo. Não há medo (patente) no filme, que chama atenção pela grandeza dos espaços públicos, imponência do III Reich, organização militar (inclusive quando camponeses e jovens são retratados), limpeza e hegemonia política. As cenas, quando mostram líderes nazistas, são tomadas de baixo para cima, enfatizando sua pretensa grandeza e poder. As músicas são fortes e robustas, militarizadas, e passam um sentido de ordem e progresso quando entoadas. A massa, por sua vez, é filmada sempre coletivamente, frequentemente em voos aéreos, documentada diversas vezes sem expressões individuais ou,

ainda, com rostos quase apagados, ressaltando sua passividade, aceitação, falsa docilidade e, em um olhar mais atento, frequente tristeza. Nos momentos de contemplação, as músicas são leves, nos convidando para uma meditação fugaz e para o esquecimento dos horrores das câmaras de gás, cooptando-nos.

O filme começa com a suástica protegida por uma grande águia, forte e robusta fabricada sobre algum material maciço, provavelmente cobre. Essa imagem será recorrente ao longo do filme (em especial a suástica) e busca demonstrar o desejo nacional-socialista de uma instituição forte que não se desgasta ao longo do tempo. Logo em seguida aparecem os seguintes dizeres:

> Triunfo da Vontade. Documentário do Congresso do Partido do Reich, 1934. Produzido por ordem do "Führer". Criado por Leni Riefenstahl. Vinte anos após a eclosão da Guerra Mundial. Dezesseis anos após o começo do sofrimento alemão. *Dezenove meses* após o começo do renascimento da Alemanha Adolf Hitler voou novamente para Nuremberg para uma celebração militar (tradução livre, grifo nosso).

A propaganda nazista começa neste instante: destaca-se o desejo do regime em atender (ou pelo menos publicitar) os anseios da população dentro de um período relativamente curto – um pouco mais que um ano e meio, os 19 meses destacados. Esse tipo de mensagem, o "fim do sofrimento" após 20 anos, especialmente o sofrimento econômico, toca o cidadão que foi por ele atingido imediata e profundamente: 19 meses são destacados para passar a impressão de muita eficiência. Após essa mensagem, o filme será completamente baseado na grande festa sóbria do III Reich (com foco na liderança carismática de Hitler), bem como na presunçosa prosperidade, felicidade e completude dos âmbitos da vida que o nacional-socialismo supostamente oferecera.

Hitler chega do céu, após passar por nuvens, na leveza de uma vida plena, pousando em uma Alemanha limpa, próspera e organizada. As multidões caminham ao seu encontro, em filas organizadas militarmente. Quando de sua chegada, as multidões gritam, levantam os braços em saudação nazista. Crianças

e adolescentes, brancas, limpas, bem alimentadas e vestidas, com caras de choro emotivo gritam, como se encontrassem seu ídolo de infância e juventude (ver figura 1). A câmera se abre para a multidão, igualmente feliz, limpa e bem vestida, que se aperta de forma organizada para saudar o grande líder. Hitler parte para a parada militar em carro, com as costas eretas. Como um pai amado de grande coração e bondade, saúda a multidão alegre, festiva e excitada olhando-a como fruto do trabalho bem feito de um sábio. Todos gritam em sonido: "Führer!" Muitos ficam até a noite em frente ao hotel onde este está hospedado. Sobre as velas acesas, o símbolo da suástica.

Não há medo. A suástica em cada canto de quase cada tomada assusta o expectador atual, no pós-julgamento de Nuremberg. Ao se transpor para a época sob a versão de Riefenstahl, contudo, a suástica protege e a paisagem é de um povo satisfeito. Não falta nada aos arianos nesta leitura de Helena. A beleza sob os padrões de Riefenstahl salta aos olhos: raramente se vê velhos no meio da multidão e não há um fio de cabelo desgrenhado ou dente ausente. A música de fundo é uma grande ode ao progresso, tornando-se progressivamente calma quando se volta ao acampamento de jovens. Suas barracas estão organizadas, lado a lado. São mostrados os corpos de meninos e garotos brancos, bem alimentados, límpidos, atléticos, sorridentes, alguns vestidos com o uniforme *standard* do regime. A coletividade caminha sem percalços ou vozes dissonantes (até mesmo seus cortes de cabelo e ausência de barbas são padronizados) e não falta comida (ver figura 2). Todos trabalham felizes.

Os trabalhadores do campo são mostrados em seus trajes especiais de festas típicas e trazem suas colheitas, demonstrando bonança em uma espécie de oferta divina. A música progressivamente se torna mais alta e intensa, culminando na figura do líder. Bonança, saúde, felicidade, compartilhamento ideológico e bem estar são armas fortes da propaganda.

Figura 1



Figura 2



Na abertura do Congresso, salta aos olhos a multidão que assiste à cúpula do Reich realizar seus pronunciamentos. Neste momento nota-se a sensação de pertencimento da massa na política (embora, como sabemos, as decisões tomadas se realizassem na cúpula). Um a um, os líderes do nacional-socialismo discursam seguidos de aplausos, ressaltando as benesses realizadas. Em uma tomada ao ar livre, Hitler fala a uma massa de camponeses dispostos como um batalhão de guerra. Novamente aqui Riefenstahl utiliza a estratégia de filmar Hitler de cima para baixo, fornecendo ao expectador a ideia de grandeza, filmando os camponeses de pé, no chão, aos milhares, de todas as partes da Alemanha, unidos. Em seu discurso, Hitler diz que nunca mais faltará trabalho no país. Na tomada noturna, novamente o vigor alemão toma forma em meio à neblina.

Há uma marcha cívica com jovens e de novo com elas as multidões em ode coletiva. É interessante notar na obra de Riefenstahl a apropriação do

discurso socialista pelos nacional-socialistas. Nas palavras de Hitler: "nós não queremos mais ver divisões de classe" (tradução livre). O que seguem são discursos inflamados do "Führer" a esses jovens. Aqui é evidente que o ensinamento dos dogmas nacional-socialistas: além da presença de eventos e líderes inspiradores, como este no qual Hitler fala a uma multidão de jovens, são premissas para a continuidade da fé na raça ariana, bem como para a continuação das diferenças baseadas no *Volks*. Esse sistema de "ensino" também é uma forma de propaganda: "Das 62 mil escolas que funcionavam na Alemanha, 40 mil possuíam salas de projeção" (LENHARO apud TEIXEIRA, 2010, p. 40).

Talvez o momento mais interessante e estarrecedor do filme seja aquele em que diversas pessoas passam com bandeiras com a suástica gravada. Em certo momento não é possível ver pessoas, mas apenas o símbolo máximo do nacional-socialismo sobre, em meio e dentro da multidão, simbolizando sua hegemonia, aceitação e orgulho aparentes (ver figura 3). O espetáculo se estende à noite a partir do entardecer, fornecendo, ao expectador atual, um misto de estranheza, medo e necessidade de regatar pela memória o que levou uma sociedade tão próspera em Weimar resultar em algo fúnebre como este evento, dado o nível de convencimento das imagens. Em certo momento Hitler diz: "não é o Estado quem nos comanda, mas somos nós que comandamos o Estado. Não é o Estado quem nos criou, mas nós quem criamos o Estado" (op. cit., tradução livre. Ver figura 4). Partido e Estado se unem.

Figura 3 *Figura 4*



Em outro ponto alto do filme, novamente a câmara captura uma multidão em casca obediente, servil, amadora e leal à raça ariana. Talvez aqui tenha escapado à "Leni" um dos princípios tão venerados às democracias, justamente por ser tão importante: a pluralidade de ideias. Não há voz ressonante nas multidões que "Leni" descreve. Não há oposição, apenas situação. E ela é totalitária. Ao tentar demonstrar absoluto consenso e força ao partido-Estado, ela deixa escancarada a característica marcante de totalitarismo do nazismo. Há medo. Medo velado. Nunca demonstrado deliberadamente no filme, mas implicitamente, assim como ocorria no cotidiano do cidadão ariano comum.

O filme caminha para seu clímax com uma overdose de grandiosidade, força, organização, limpeza e, novamente, hegemonia nazista. Burocracia, ideologia e hegemonia se mesclam nas patentes dos altos escalões, nas demonstrações públicas e nos símbolos e simbologias. Todos marcham: soldados, operários, camponeses, velhos e jovens. O indivíduo aparece, mas em meio à multidão, calado. Não há expressão individual. A multidão aparece submissa, resignada, dócil e organizada em fileiras militares (ver figura 5). As faces aparecem parcialmente apagadas. Hitler, ao contrário, aparece em foco. Ele fala pela última vez, finalizando o Congresso: "O partido será sempre o líder político dos alemães" (livre. Ver figura 6). Toca o hino. O filme termina com um grande *close* na suástica.

Figura 5



Figura 6



HOMI BHABHA E O PAPEL DE NOVELAS E NARRATIVAS NA CONSTRUÇÃO DA IDEIA DE NAÇÃO

Na primeira parte deste artigo buscamos argumentar que a nação, segundo o seu sentido democrático (unificação de uma vasta rede de interesses individuais sob as premissas fundamentais de Hobbes, Rousseau e Montesquieu) não poderia ser aplicado à nação segundo o entendimento nacional-socialista, pois neste caso a pluralidade não existiria: antes pelo contrário, o povo racial/ *Volks Group* e a soberania racial seriam antes de nada excludentes de todas as

divergências relacionadas ao dogma nazista: judeus, negros, ciganos e muitos sindicalistas seriam perseguidos, exonerados e possivelmente mortos. Para tanto, buscamos retomar o sentido democrático de nação para demonstrar sua incompatibilidade com o nacional socialismo, ilustrando alguns aspectos do último.

Na segunda parte buscamos demonstrar que, a despeito dos horrores causados pelo III Reich - como a construção de campos de concentração, perseguição, mortes, implantação do medo, ímpetos imperialistas e Estado totalitário -, o filme de Leni Riefenstahl como *masterpiece* propagandístico é uma forte tentativa (que logrou êxito em inúmeros casos) de convencimento de uma pretensa positividade nazista. "Triunfo" se utiliza de recursos sensoriais (visuais e auditivos), políticos, emotivos, *narrativos* em sua grande obra cinematográfica para convencer o expectador e levá-lo para o lado "de lá". Após mostrar pessoas sadias e felizes, a ordem e o progresso, a limpeza e a satisfação em recursos avançadíssimos de filmagem e técnicas de direção, Riefenstahl nos convida a aceitar que o Estado totalitário é algo bom.

Nesta última parte, nossa intenção é demonstrar, baseando-se largamente no livro organizado por Homi Bhabha, "Nation and Narration" a força, vigor e importância de mecanismos sutis de manipulação e propaganda, como o filme de "Leni". Embora o livro de Bhabha tenha como escopo a análise da construção da nação em romances, entendemos que esse tipo de narração também é válido. Interessa-nos analisar aquilo que Benedict Anderson chamou de *comunidades imaginadas*, que Gramsci denominou construção do *consenso* e/ou *hegemonia*, ou que Pierre Bordieu chamou de *violência simbólica* legitimada pelo capital social.

Desejamos deixar claro que narrativas(s) não existe(m) no lugar da política "dura" ou têm a pretensão de substituir ou se equiparar ao poder do Estado, ou

ainda de substituir as políticas objetivas e violentas do III Reich em sua tentativa de arianizar a sociedade como, por exemplo, a expropriação de propriedades judias pela via da lei. As narrativas, em suas variadas formas, podem ser *instrumentos* ou *ferramentas* importantes e indispensáveis que contribuem para o que Bhabha (1990, p. 3), inspirado em Foucault e Gramsci, chamou de "conceito discursivo de ideologia" (tradução livre). Neste sentido, "ideologia (como linguagem) é conceitualizada em termos de articulação de elementos [...]. Para a nação, como uma forma de *elaboração* cultural (no sentido gramsciano), é uma agencia de narração *ambivalente* que sustenta a cultura em sua posição mais produtiva, como uma forma de 'subordinação, fratura, difusão, reprodução, assim como produção, criação, violência, guia'" (idem, ibidem, pp. 3-4; SAID apud BHABHA, idem ibidem, p. 4).

O papel da narração é ressaltado por diversos autores renomados que já pensaram detidamente sobre o tema sua relação com a nação. Otto Bauer (2000, p. 45) mostra seu incômodo: "Até agora, a ciência deixou a nação quase exclusivamente aos poetas, aos jornalistas e aos oradores [...] mal chegamos a ver as primeiras abordagens de uma teoria satisfatória da essência da nação".

Com efeito, a nação foi um tema abordado nas artes antes de ser definida formalmente. Na Alemanha, especificamente, além de nação ter conotações subjetivas antes de entrar como sujeito da política, sua história é fortemente influenciada pelo pensamento antissemita. Segundo Neumann (2005, p. 134), "[...] toda la historia de la vida intelectual alemana está llena de ataques a los judíos y las organizaciones antisemitas desempeñaron en ella un papel destacado, aun durante la época imperial [...] Con la excepción de Lessing, Goethe, Schelling y Hegel".

O termo nação nas e nliteratura alemã aparece nos romancistas antissemitas Johann Gottfried von Herder (1744-1803) e Johann Gottlieb Fichte

(1814-1976), que viveram na mesma época da Revolução Francesa (1798-1799), quando o termo aparece na política, ainda que sem "univocidade" (ROSSOLILLO, 1983, p. 795). Fichte, em particular, era um grande agitador antissemita e força política desde as Guerras Napoleônicas até Bismarck. A respeito de Herder, Neumann (2005, p. 129) escreve:

> [...] la creencia en la supremacía racial alemana está profundamente arraigada en la historia del pensamiento alemán. Herder, el primer filósofo de la historia de gran categoría, habló de "un Pueblo que, por su talla fortaleza de su cuerpo, y su espíritu bélico, emprendedor, audaz y perseverante... ha contribuido más que ninguna otra raza al bien y al mal de esta parte do globo. También quienes no sólo conquistaron, colonizaron y modelaron a la mayor parte de Europa, sino que la cubrieron y protegieron".

Na lista de Neumann ainda constam: Friedrich von Schlegel (poeta e filósofo), Henrich von Treitschke (historiador e político literário), Richard Wagner (maestro e compositor, que suspeitava que o diretor judio Herman Levi conspirava quando a execução de alguma de suas obras andava mal), o mencionado Friedrich List e Adolfo Wagner (estudioso e político que baseou sua doutrina do imperialismo racial na guerra franco-prusiana de 1870). A gênese da doutrina racista, contudo, está em Houston Chamberlain, em "Los fundamentos del siglo XIX" e Wilhelm Marr (jornalista e incitador de antissemitismo violento em 1873). Até mesmo Martinho Lutero está na lista de Neumann que aponta as seguintes formas de antissemitismo: religioso, econômico, politico e social.

Ao chamar atenção para a larga existência de pensadores antissemitas na história da vida intelectual alemã, não desejamos impor a essa sociedade um sentido essencialmente antissemita ao alemão: Neumann (2005, p. 148) deixa claro que "não se conhece um só ataque antissemita espontâneo feito por persona alheia ao partido nacional-socialista" (tradução livre). Desejamos, com essa ampla lista de pensadores, ilustrar que é a tradição de certo tipo de pensamento que propicia as bases de um "sistema de significação cultural como

a representação da *vida* social" (BHABHA, 1990, pp. 1-2, tradução livre). Em outras palavras, uma linha ou tradição de pensamento pode desembocar em um *tipo de narração* como representação da realidade: "Iracema, a índia dos lábios de mel e de cabelos mais negros que a asa da graúna" é uma alegoria da nativa sedutora e bela dentro de um tipo de tradição literária branca e de colonização portuguesa.

Ernest Renan já dizia em 1882: para construir uma nação, são necessárias uma boa dose de esquecimento, mais uma de erro histórico e outra forte dose de vontade. É preciso eliminar a *narrativa* das minorias, ou pelo menos descrevê-las de forma mais conveniente. Iracema - a índia provavelmente violada - torna-se sedutora, exótica e belíssima segundo certo tipo de *narração*, isto é, tentadora, maliciosa e culpada de sua violação não narrada. Assim argumenta Doris Sommer (1990, pp. 81-82), ao escrever sobre o papel de novelas e romances na construção da nação:

> Uma elite branca [...] teve que convencer a todos, de fazendeiros e mineiros até índios e uma ampla massa de negros e mulatos, que a sua liderança liberal realizaria construiria as pontes tradicionalmente antagônicas raças e regiões em uma nova prosperidade [...] A hegemonia, afinal de contas, não é um projeto igualitário, mas um que legitima a liderança de um setor social ao conseguir o consentimento de outros.

No caso nacional-socialista sob Riefensthal, a intenção, embora fosse construir consenso dentre os arianos, estava longe de tentar fazê-los entre as minorias apontadas, o que o torna ainda mais brutal. Os judeus, assim como a violação não narrada Iracema, tornam-se *narrativamente* os culpados pelo fracasso da nação no pós-guerra. Frequentemente aparecem em produções arianas como pestes dessa sociedade. Essa era a narração a que interessava o nazismo: melhor e mais próspera essa sociedade apenas com os arianos limpos, bem vestidos e alimentados; felizes e prósperos. Conforme argumenta Homi Bhabha (1990, p. 1):

> Nações, como narrativas, perdem suas origens nos mitos do tempo e somente percebem completamente seus horizontes pelos olhos da mente. [...] O que não significa negar a tentativa pelos discursos nacionalistas em persistentemente produzir a ideia da nação como uma narrativa contínua de progresso nacional, o narcisismo da própria geração ou a presença primitiva do *Volk* (tradução livre).

Joseph Goebbels (Ministro da Propaganda) e Adolf Hitler tinham bastante claro quão poderosa essa ferramenta de convencimento via propaganda pode ser. Riefentahl era uma gênia da sétima arte e ambos sabiam de seu extraordinário talento, ainda que o conteúdo de "Triunfo" não fosse desenvolvido para fins exatamente pacíficos. Antes pelo contrário, ao afirmar a validade e benesses do Estado totalitário via mecanismos *soft,* "Triunfo" contribuiu para tornar propícia uma identidade cultural e afetiva voluntária da política de arianização da sociedade. Sua obra se tornou um instrumento poderoso de "intervenção substancial daquelas justificações da modernidade – progresso, homogeneidade, organicismo cultural, nação profunda, passado longo – que racionalizam o autoritarismo, 'normalizando' tendências dentro das culturas em nome do interesse nacional e da prerrogativa étnica" (BHABHA, 1990, p. 4).

Ao destruir a memória do que se tornou progressivamente minoria (negros, ciganos, sindicalistas e principalmente judeus), a *narrativa* traz a possibilidade de construção de um novo tipo de memória, uma história específica, uma nova realidade discursiva ainda que incompleta ou arianizada. Talvez por esse motivo, para dar a essas minorias eliminadas brutalmente o seu lugar na história e memória, bem como a "justeza" de sua existência, tenham surgido no pós-julgamento de Nuremberg toda sorte de filmes e documentários que traziam à tona aquela parte da narração que faltou nas obras dessa época. Esse resgate póstumo é a tentativa de trazer, na memória, pela *narração,* o que lhe foi subtraído.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme argumentamos neste artigo, a narração é uma ferramenta poderosa de construção do consenso visando hegemonia de um determinado grupo rumo na edificação de um bloco histórico em um Estado e/ou na legitimação de uma concepção específica e racista de nação. Também argumentamos que a narração não elimina o papel de outros instrumentos e mecanismos diretos de imposição de tal minoria inseridos no Estado, seja ele totalitário ou não.

O papel da narração como instrumento de construção de consenso é um fenômeno universal nas sociedades desde a invenção da escrita e da língua falada, sempre visando (re)afirmar um ponto de vista, geralmente o ponto de vista da minoria no poder. Assim o foi com as declarações de Bush filho na "Guerra ao Terror" e com os discursos do Destino Manifesto ao longo da história estadunidense. Assim acontece no Brasil com os principais veículos de formação de opinião que disseminam pontos de vista parciais. O pobre conservador, o homossexual homofóbico e a mulher machista são talvez os exemplos mais imediatos encontrados nas sociedades contemporâneas como reflexo de tipos de pensamento que não refletem a manifestação de seus interesses por suas condições sociais.

Essa realidade discursiva permite adentrar na percepção de qualquer pessoa, de qualquer classe, raça, sexo, etnia, nacionalidade e etc.. Embora o impacto das narrativas das realidades discursivas se encontre por toda a parte, ele é mais forte e evidente naqueles grupos que possuem mais poder, notadamente grandes veículos de comunicação. Por esse motivo, ao unir Foucault e Gramsci, Homi Bhabha fala de ideologia discursiva. A mensagem a partir de um ponto de vista específico visa domesticar, dominar, cooptar o

receptor. Demonstramos que essa mensagem foi passada brilhantemente por Leni Riefensthal no nacional-socialismo. É mais facilmente verificável sua manipulação nos dias atuais, após o julgamento de Nuremberg e as centenas de outras narrativas que competiram com a visão de Riefensthal e criaram um novo consenso. O que é difícil, nos dias atuais, é mensurar o alcance da manipulação realizada cotidianamente sobre nós próprios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, Angela; TITAN JR, Samuel. (1997). Ernest Renan "O que é uma nação? (tradução). **Plural**; Sociologia, USP, São Paulo, 4: 154-175, 1. Sem.

ARENDT, Hannah. (1989). **Origens do Totalitarismo.** São Paulo, Companhia das Letras.

ANDERSON, Benedict. (2008). **Comunidades Imaginadas.** São Paulo, Companhia das Letras.

BAUER, Otto. (2000). A nação. In: BALAKRISHINAN, Gopal (org.). **Um mapa da questão nacional.** Rio de Janeiro, Contraponto.

BHABHA, Homi. (1990). Introduction. In: BHABHA, Homi (org.). **Nation and Narration.** Londes, Routledge.

BOURDIEU, Pierre. (1974). **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo, Perspectiva.

HOBSBAWN, Eric. (1990). **Nações e nacionalismos desde 1870.** Rio de Janeiro, Paz e Terra.

NEUMANN, Franz. (2005). **Behemoth: pensamento y acción em el nacional-socialismo.** São Paulo, Fondo de Cultura.

RENAN, Ernest. (1990). What is a Nation? In: BHABHA, Homi (org.). **Nation and Narration.** Londes: Routledge.

ROSSOLILLO, Francesco. (1983). Nação. In: BOBBIO, Norberto (et al.). Dicionário de Política. Brasília: Editora UnB.

SOMMER, Doris. (1990). Irrestible romance: the foundational fictions of Latin America. In: BHABHA, Homi (org.). **Nation and Narration.** Londes, Routledge.

TEIXEIRA, Karoline Viana. (2010). Seduções da ordem: propaganda e estatuto fílmico nos documentários Triunfo da Vontade e Olympia, de Leni Riefenstahl. **Doc On-line**, n.08, www.doc.ubi.pt, pp. 36-69.

BENJAMIN, Walter. (1985). Teses sobre a Filosofia da História. In: Obras Escolhidas Vol I: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, p. 226-237.

Dados do filme

O Triunfo da Vontade (www.angelfire.com/film/tdw_bible/)

Título Original: Triumph des Willens

Tempo de Duração: 110 minutos

Ano de Lançamento (Alemanha / Bélgica / Grã-Bretanha): 1935

Estúdio: L.R. Studio-Film

Direção: Leni Riefenstahl

Roteiro: Leni Riefenstahl

Produção: Walter Traut

Música: Horst Wessel, Karl Heinz Muschalla, Herbert Hammer, Albert Methfessel, Kleo Pleyer Friedrich Silcher, Ludwig Uhland, Will Decker, A. Pardun, Bruno Schestak, Hans Otto Borgmann, Baldur v. Schirach.

Fotografia: Sepp Allgeier

Edição: Leni Riefenstahl

Efeitos Especiais: Sven Noldan, Fritz Brutsch, Hans Noack

Recebido em 01 de setembro de 2013
Aceito em 17 de dezembro de 2013